



CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

TERCEIRA SECRETARIA

DIRETORIA LEGISLATIVA

DIVISÃO DE TAQUIGRAFIA E APOIO AO PLENÁRIO

SETOR DE TAQUIGRAFIA



34 *Declarar*

*conferida a publicação
no DL nº 212, de 12/12/98.*

*Ana
28/11/98*

NÚMERO: 82^a

ASSUNTO TCH Sr. Vladimir Carvalho

DATA: 21/08/98

HORA: 20h30min às 21h37min

**TERCEIRA SECRETARIA
DIRETORIA LEGISLATIVA
DIVISÃO DE TAQUIGRAFIA E APOIO AO
PLENÁRIO**

**SETOR DE TRAMITAÇÃO, ATA E SÚMULA
SETOR DE TAQUIGRAFIA**

4ª SESSÃO LEGISLATIVA DA 2ª LEGISLATURA

**ATA DA 82ª
(OCTOGÉSIMA SEGUNDA)**

**SESSÃO SOLENE DE OUTORGA DO TÍTULO
DE CIDADÃO HONORÁRIO DE BRASÍLIA
AO SR. VLADIMIR CARVALHO,**

EM 21 DE AGOSTO DE 1998.

I - SÚMULA

PRESIDÊNCIA: Deputada Lúcia Carvalho.

LOCAL: Foyer da Sala Villa Lobos do Teatro Nacional Cláudio Santoro.

INÍCIO: 20 horas e 30 minutos.

TÉRMINO: 21 horas e 37 minutos.

1 - ABERTURA

Para atender ao requerimento de autoria do Deputado Wasny de Roure, **realiza-se** nesta data a sessão solene de outorga do título de Cidadão Honorário de Brasília ao cineasta Vladimir Carvalho.

2 - COMPOSIÇÃO DA MESA

- PRESIDENTE DESTA SESSÃO E PRESIDENTE DA CLDF, Deputada Lúcia Carvalho;
- AUTOR DO REQUERIMENTO, Deputado Wasny de Roure;
- HOMENAGEADO, cineasta Vladimir Carvalho;
- SECRETÁRIO DE CULTURA E ESPORTE DO DISTRITO FEDERAL, Hamilton Pereira;
- DIRETOR DO PÓLO DE CINEMA E VÍDEO DO DISTRITO FEDERAL, José Aciole.

3 - PRONUNCIAMENTOS

DEPUTADO WASNY DE ROURE, autor do requerimento

- Exalta os artistas e os contadores de história.
- Faz breve reflexão sobre o perfil do povo nordestino, inspirado na história do homenageado - paraibano, de Itabaiana - hoje o mais importante documentarista do Brasil.
- Enumera os filmes e documentários realizados pelo cineasta Vladimir Carvalho, sempre norteados pela paixão à causa nordestina.
- Ressalta a passagem do homenageado pelo Rio de Janeiro, após 1964, quando participou da realização de dois filmes antológicos: *Cabra Marcado para Morrer* e *Opinião Pública*.

- Lembra que o cineasta chegou a Brasília em 1970, ingressou na UnB, deu início a um ciclo de documentários e implantou um curso de cinema, que terminou por fixá-lo na cidade.

- Cita exemplos de reconhecimento do trabalho do artista pela crítica e pela classe **artística**, como o filme *Conterrâneos Velhos de Guerra*, premiado com as três Margaridas de Prata da CNBB e como o melhor filme do Festival de **Brasília**, além de receber o troféu de Melhor Filme de 1993 pela Associação Paulista de Críticos de Artes.

- Informa que o cineasta Vladimir Carvalho atualmente se ocupa com a administração da Fundação Cinememória e com o projeto do filme *Barra 68*, que trata da repressão do movimento estudantil de Brasília, desencadeada pela promulgação do **AI-5**.

- Reafirma que esta homenagem é o reconhecimento da história de luta do cineasta Vladimir Carvalho, pela sua vida, sua garra e valorização do povo do Nordeste.

HAMILTON PEREIRA, Secretário de Cultura e Desportos do Distrito Federal

- Afirma que um país não se faz sem literatura, assim como um país com as dimensões do Brasil não se faz sem cinema.

- Esclarece que considera o Brasil um país inacabado porque lhe falta tecer a ligação entre suas diferentes culturas.

- Destaca a opção do cineasta Vladimir Carvalho por uma lógica do compromisso, não ascética ou neutra, mas que prefere denunciar a opressão.

- Ressalta a colaboração do homenageado na realização de **obras**, como os filmes *Cabra Marcado para Morrer*, *O País de São Saruê* e *Os Conterrâneos Velhos de Guerra*.

- Comunica que fala em nome do Governador do Distrito Federal, professor Cristóvam **Buarque**, e transmite sua admiração e a da Vice-Governadora do Distrito Federal, Aríete Sampaio, pelo novo Cidadão Honorário de Brasília, o cineasta Vladimir Carvalho.

DEPUTADA LÚCIA CARVALHO, Presidente desta sessão e Presidente da CLDF

- Exalta o cineasta **Vladimir Carvalho**, uma pessoa que marcou a militância, principalmente a camponesa, bastante incipiente nos idos de 1970 e na década de 80, com seus filmes, uma referência para aqueles construtores dos sonhos da democracia e da liberdade.

- Lembra a origem de Vladimir Carvalho na Organização dos Trabalhadores no Estado de Goiás e a importância de seu trabalho para a consolidação dessa organização, que hoje desagua no movimento dos trabalhadores sem terra.

- Esclarece que as críticas à Câmara Legislativa do DF, acusada de interesse eleitoreiro por conceder um número exagerado de títulos de Cidadão Honorário de Brasília, são infundadas, porquanto esse número não chega a duas **centenas**, sendo o título oferecido hoje o 171º.

- Fala da contribuição da Câmara Legislativa de Brasília para o Festival de Cinema da cidade, ao conceder pela quarta vez uma premiação aos cineastas.

- Reafirma o compromisso do Governador Cristóvam Buarque de sancionar a lei, de autoria desta deputada, de retorno dos **curta-metragens** ao circuito comercial de Brasília.

- Revela sua paixão ao entregar alguns **títulos**, como o do Prof. Cassiano, o do Dr. Melo, presente a esta sessão, e em especial o do homenageado de hoje, o cineasta Vladimir Carvalho.

VLADIMIR CARVALHO, homenageado

- Confessa que por temer trair-se pela emoção, abdicará da costumeira postura de improvisar e adotará a palavra escrita como base de seu pronunciamento.

- Discorre a respeito da difícil posição de homenageado pela ambivalência provocada entre a simplicidade desejada e o orgulho de ser o detentor de tão alta comenda.

- Narra sua infância na cidade de Itabaiana e sua passagem por **Recife**, na década de 40.

- Exalta a atuação de seu pai no Partido Comunista, destacando que esta influência o levou à militância junto à irmandade de homens comprometidos com a vida e com outros homens.

- Conta que na universidade converteu-se à prática do cinema após assistir ao documentário de Roberto Flaherty, *O Homem de Aran*, filme que retrata a realidade sem retoques, sem intermediações.

- Lembra sua passagem pela Bahia na década de 60, quando estudou Filosofia na mesma classe de Caetano Veloso, e de lá retornou para Pernambuco, a convite de Eduardo Coutinho, para compor a equipe de *Cabra Marcado para Morrer*.

- Descreve a interrupção das filmagens de *Cabra Marcado para Morrer* em decorrência do golpe militar de 1964.

- Revela que partiu para o Rio de Janeiro, na época, onde trabalhou como assistente de direção de Arnaldo Jabor e reingressou no jornalismo no *Diário de Notícias*, com a identidade falsa de José Pereira dos Santos, aparentado de Nelson Pereira.

- Considera sua vinda à Brasília em 1970 uma obra de seu camarada, Fernando Duarte, que na ocasião dirigia o setor de cinema da UnB.

- Relata sua trajetória como professor da UnB, suas teses em defesa da vocação de Brasília para um cinema do tipo reflexivo - documental - e sua atuação na atual Associação Brasiliense de Cinema e Vídeo e na Fundação Cinememória.

- Enaltece sua militância política no grupo que fundou a Associação dos Docentes da UnB - ADunB.

- Fala da sua participação como candidato a reitor da UnB, o possibilitou a eleição de Cristóvam Buarque.

- Refere-se ao exercício da vice-presidência do Comitê pela Anistia.

- Dedicou o título de Cidadão Honorário de Brasília àqueles que o ajudaram em sua jornada e ao povo humilde desta cidade.

4 - ENCERRAMENTO

II - DETALHAMENTO



DATA 21 / 08 / 98	HORÁRIO INÍCIO 20h30min	SESSÃO / REUNIÃO SOLENE	QUARTO 1
TAQUIGRAFO(A)	REVISOR(A)	ORADOR(A)	

MESTRE-DE-CERIMÔNIA - Senhoras e **senhores**, boa noite.

Damos início à **sessão** solene de outorga do título de Cidadão Honorário de Brasília ao Sr. Vladimir **Carvalho**, cujo requerimento para a **realização**, de autoria do Deputado Wasny de **Roure**, foi aprovado por unanimidade na Câmara Legislativa.

Convidamos para compor a Mesa desta sessão solene as seguintes autoridades: Exma. Sra. Deputada Lúcia Carvalho, Presidente da Câmara Legislativa do Distrito Federal; Exmo. Sr. Deputado Wasny de **Roure**, autor do requerimento que ensejou a realização desta sessão; Sr. Vladimir Carvalho, Cidadão Honorário de Brasília e Cineasta; Exmo. Sr. Hamilton Pereira, Secretário de Cultura e Esportes do Distrito Federal; e Sr. José Aciole, Diretor do Pólo de Cinema e Vídeo do Distrito Federal.

Neste momento, convido os presentes a ficarem em pé para entoarmos o Hino Nacional.

(Hino Nacional.)



DATA 21 / 08 / 98	HORÁRIO INÍCIO 20h30min	SESSÃO / REUNIÃO SOLENE	QUARTO 2
TAQUIGRAFO(A)	REVISOR(A)	ORADOR(A)	

MESTRE-DE-CERIMÔNIAS - Registramos ainda a presença dos seguintes convidados: Sra. Zuleica Brito Fischer; Sra. Luiza Brito; Sr. Valmor Fischer; Sra. Rebeca Virgínea Mendes Carneiro; Sr. Marcelo Fausto da Costa; Sra. Vilma Carvalho da Costa; Sr. Edmilson Rodrigues; Sr. Eduardo Sodré Farias; Sra. Lúcia Maria Pinheiro Lobato; Sr. Luís Humberto Miranda Martins Pereira; Sra. Manuela Castelo Branco; Sra. Lígia Cademartori; Sra. Vanda Trigueiro Caldas e Sr. Manfredo Caldas.

Com a palavra a Exma. Sra. Deputada Lúcia Carvalho, Presidente da Câmara Legislativa do Distrito Federal.

PRESIDENTE (DEPUTADA LÚCIA CARVALHO) - Boa noite a todos. É com satisfação que estamos realizando esta sessão solene de entrega do 171º título de Cidadão **Honorário**, que será destinado ao nosso cineasta Vladimir Carvalho.

Solicito ao autor do requerimento de outorga deste título, Deputado Wasny de Roure - a quem parabênzo neste momento -, que façamos juntos a entrega solene do título de Cidadão Honorário ao Sr. Vladimir Carvalho.

(Entrega do título.)

PRESIDENTE (DEPUTADA LÚCIA CARVALHO) - Este é um momento de orgulho, como eu dizia ao Sr. Vladimir Carvalho, porque poucos são os pioneiros homenageados no Distrito Federal. (Palmas.)

Passo a palavra ao Deputado Wasny de Roure, autor do requerimento que proporcionou a realização desta sessão solene para concessão de título de Cidadão Honorário.



DATA <u>21 / 08 / 98</u>	HORÁRIO INÍCIO 20h30min	SESSÃO / REUNIÃO SOLENE	QUARTO 3
TAQUIGRAFO(A)	REVISOR(A)	ORADOR(A)	

DEPUTADO WASNY DE ROURE - Exma. Sra. Deputada Lúcia Carvalho, Presidente da Câmara Legislativa do Distrito Federal; Sr. Vladimir **Carvalho**, Cidadão Honorário de Brasília e cineasta; Exmo. Sr. Hamilton Pereira, Secretário de Cultura e Esportes do Distrito Federal; Sr. José **Aciole**, Diretor do Pólo de Cinema e Vídeo do Distrito Federal; senhoras e senhores artistas aqui presentes.

Feliz o povo que encontra tempo e inspiração para **louvar** os seus artistas. Feliz o povo que não esquece os seus contadores de história. Felizes somos nós Deputados Distritais que podemos abrir pautas em meio ao tumulto e à urgência de uma campanha eleitoral para homenagear o cineasta paraibano, de **Itabaiana**, Vladimir Carvalho, o mais importante documentarista do Brasil. (Palmas.)

Esta homenagem nos faz refletir sobre os nossos irmãos do **Nordeste**, um povo alegre, apesar do perfil de tristeza em que ele se espraia. Um povo forte, mesmo quando a sua compleição raquítica esconde uma força que **mal se dissimula**. Uma força acumulada em muitas e muitas lutas, desde a primeira que travou com a morte para poder mergulhar na vida. Como o filho do Sr. José, mestre Carpina, que saltou para a vida na poesia de João Cabral de Melo, outro nordestino, "nordestinado" - como Vladimir - ao real e ao belo.

No distante **1959**, Vladimir, jovem bacharel em Filosofia, começou a incursionar na Sétima Arte, escrevendo o roteiro de *Aruanda*, em que descreve a vida miserável dos descendentes de escravos de um quilombo. Esse **filme**, dirigido por **Liduarte** Noronha, realizado com poucos recursos, apresenta a nossa realidade brasileira e alimenta a reflexão estética da fome e **da** violência, na qual Glauber **Rocha**, o pai do Cinema



DATA 21 / 08 / 98	HORÁRIO INÍCIO 20h30min	SESSÃO / REUNIÃO SOLENE	QUARTO 4
TAQUIGRAFO(A)	REVISOR(A)	ORADOR(A)	

Novo, a nossa brechtiana tentativa de modificar o País pela arte, foi o grande e admirável mestre.

Desde *Aruanda*, e mesmo antes, o povo nordestino tem sido a sua grande tarefa, a sua obsessiva preocupação e a sua verdadeira paixão. Houve, a contragosto, uma sucessão de descasos e desatinos que o expulsou de casa e o espalhou peio Brasil afora; por isso Vladimir se fez gigante. Um gigante de tal modo especial que, sob qualquer aspecto que se olhe, sempre será um homem forte, ao mesmo tempo curumim e ancião da tribo, o bugre de Orlando Sena, mas doce e afável no trato com todos, exigente consigo mesmo e implacável na defesa da gente nordestina.

Em *O País de São Saruê*, o seu primeiro longa-metragem, Vladimir relata a vida dos camponeses do Polígono da Seca e as suas relações conflituosas com os latifundiários e com os coronéis donos da terra. *O País de São Saruê* entrou no índice da censura de 1964, sendo proibido em todo o País por quase uma década, porque mostrava o homem nordestino como uma natural extensão da terra árida, na forma rebelde e absurda de domar, desassistido, uma natureza hostil até chegar a migrante. É uma espantosa realidade que se renova até hoje, imutável na sombria marcha dos retirantes, tão sombria quanto a inércia dos governos de pouco fazer que entram e saem, lembrando-nos da destinação cantada por João Cabral de Melo ao confessar nordestinamente: "O destino do homem é como destino do rio: é destino de ir".

O nordestino vai e Vladimir foi. Após 1964, foi para o Rio de Janeiro, onde, como assistente de Jorge Coutinho e Arnaldo Jabor,



DATA	HORÁRIO INÍCIO	SESSÃO / REUNIÃO	QUARTO
<u>21</u> / <u>08</u> / <u>98</u>	20h30min	SOLENE	5
TAQUIGRAFO(A)	REVISOR(A)	ORADOR(A)	

participou da realização de dois filmes antológicos: *Cabra Marcado para Morrer* e *Opinião Pública*.

O premiadíssimo *Cabra Marcado para Morrer* é um filme radical, perturbador, que expõe as vísceras malcheirosas do Nordeste com denúncias contundentes e conclusões desesperadas. Em *Opinião Pública*, fugindo um pouco de sua temática habitual, Vladimir ajuda Jabor a desenhar o inesquecível quadro urbano do Rio de Janeiro, a completa alienação da Zona Sul da nossa cidade maravilhosa.

Como viver de cinema no **Brasil**, que nunca encheu a barriga de ninguém, nem ontem nem hoje? Vladimir buscou o seu sustento trabalhando como jornalista no velho *Diário de Notícias*, no qual cativou todo mundo com seu enorme **coração**, sua alma limpa de comunista e o alegre sorriso de quem faz amigos eternos num abrir e fechar de olhos.

Em 1970, Vladimir veio para Brasília para um encontro marcado pelo destino. **Aqui** ingressou na UnB, onde, com Fernando Duarte, deu início ao ciclo de documentários que até hoje empresta grande prestígio cultural à cidade. Na UnB, implantou um avançado curso de cinema que formou brilhantes profissionais e terminou por fixá-lo definitivamente entre nós.

Uma vez **mais**, a participação do operário nordestino no processo de desenvolvimento do **País**, desta feita na construção de **Brasília**, é por ele captada no magistral realismo de *Conterrâneos Velhos de Guerra*, um filme de raro vigor e profunda **sinceridade**, obra reconhecida de imediato, com prêmios acumulados dentro e fora do **Brasil**, tais como as três Margaridas de Prata da CNBB, o melhor filme do Festival de Brasília e



DATA <u>21</u> / <u>08</u> / <u>98</u>	HORÁRIO INÍCIO 20h30min	SESSÃO / REUNIÃO SOLENE	QUARTO 6
TAQUIGRAFO(A)	REVISOR(A)	ORADOR(A)	

o trofeu de Melhor Filme de 1993 pela Associação Paulista de Críticos de Artes.

Em *Conterrâneos Velhos de Guerra*, Vladimir apresenta corajosamente a história da construção de Brasília vista pelo avesso do **oficialismo**, na versão pungente do operário nordestino. "Um filme para permanecer na garganta. O mais franco, o mais cruel, o mais indignante retrato que o cinema brasileiro já fez do **Brasil**" - bradou o admirado **Edmar Pereira**, crítico do *Jornal da Tarde*, de São Paulo.

A exigente Suzana **Schild**, do *Jornal do Brasil*, foi mais sucinta e disse somente: "**Apenas uma obra-prima**".

Vladimir hoje está às voltas com a administração da Fundação **Cinememória** e com o projeto do filme *Barra 68*, que trata da repressão do movimento estudantil de **Brasília**, desencadeada pela promulgação do AI-5 - Ato Institucional nº 5. Ninguém perde por esperar: o bugre vem aí de novo com espingarda de chumbo **grosso**, transgressivo como o artista pode ser.

Alguns podem considerar estranha esta homenagem pelo fato de a obra de Vladimir ter servido para mostrar a desesperança que Brasília provocou, em vez da esperança tão acalentada por todos nós. Logo ele, não de dizer, cuja obra deu munição e "pano pra manga" dos eternos caranguejos, saudosos da Capital no litoral. Mas Brasília é essa amplidão **reconhecida**, é esse **pôr-do-sol** inigualável que aquece democraticamente as maiorias e as minorias debaixo do manto protetor de Dom **Bosco**, abençoado por **Deus**, que é brasileiro, tão brasileiro quanto Vladimir, nosso admirável paraibano, hoje oficialmente **brasiliense**, como Florestan **Fernandes**, Jorge **Amado**, Mestre Teodoro do **Boi-Bumbá** e tantos outros ilustres pares que enchem **de** orgulho o coração do nosso povo brasiliense.



NOTAS TAQUIGRÁFICAS

DATA <u>21</u> / <u>08</u> / <u>98</u>	HORÁRIO INÍCIO 20h30min	SESSÃO / REUNIÃO SOLENE	QUARTO 7
TAQUIGRAFO(A)	REVISOR(A)	ORADOR(A)	

Seja bem-vindo, Vladimir Carvalho. **Você**, que é o País de **Lutares**, a quem **Acenso** Ferreiro, o maior poeta popular pernambucano, chamou de "guerreiro nascido **feito**, porque brigar é do seu destino". Feliz o povo que festeja os seus artistas. Felizes os **que**, como **nós**, podem parar para louvar e reconhecer o cineasta do povo sofrido do Nordeste. Felizes os que podem saudar, como o poeta Acenso, os bêbados de sonhos que, aos **tombos**, bailam na arena do **bumba-meu-boi** da vida.

Essa é a nossa **mensagem**, o nosso reconhecimento para **você**, Vladimir. Em nome do povo de Brasília e dos **Parlamentares**, **deixamos-lhe**, do mais profundo do nosso coração, o nosso reconhecimento pela sua história, sua **vida**, sua garra, sua identificação com esse povo, o nosso povo, essa gente, a nossa gente, o nordestino brasileiro, que é o próprio povo brasileiro.

Parabéns! (Palmas.)



NOTAS TAQUIGRÁFICAS

DATA 21 / 08 / 98	HORÁRIO INÍCIO 20h30min	SESSÃO / REUNIÃO SOLENE	QUARTO 8
TAQUIGRAFO(A)	REVISOR(A)	ORADOR(A)	

PRESIDENTE (DEPUTADA LÚCIA CARVALHO) - Vamos ter agora a participação do Trio de Violão da UnB, composto pelos violonistas Gustavo **Costa**, Felipe Maravalhas e Luciano Tavares.

Enquanto eles se organizam para chegar até aqui, quero registrar a presença de algumas autoridades: Sr. **Walter Mello**, Superintendente do Arquivo Público do Distrito Federal e Cidadão Honorário de Brasília; Sr. Cassiano Nunes, **escritor**, professor e também Cidadão Honorário de Brasília; Sr. Nilson Rodrigues, **Diretor-Executivo** da Fundação Cultural do Distrito Federal; Sr. Jarbas Silva **Marques**, jornalista e pesquisador; Sr. José Raimundo Vieira Chaves, Gerente do Metrô-DF; Sra. Maria Elizabeth Freire Gameiro, Gerente da Coordenadoria do Programa de **Bibliotecas** da Secretaria de Cultura do Distrito Federal; o nosso querido Gustavo Dourado (Armagedom), Presidente do Sindicato dos Escritores do Distrito Federal; Sr. Francisco Balthar, professor universitário de Literatura e Língua Portuguesa; Sr. Fernando Duarte, cineasta e professor da UnB; Sr. Pedro Anísio **Figueiredo**, cineasta do Pedra Produções Cinematográficas e Sr. Carlos Del **Pino**, cineasta da Quanda Brasília.

Esteve aqui também o Deputado Federal Augusto Carvalho, que já se ausentou, mas deixou os cumprimentos ao nosso Cidadão Honorário.

Ouviremos a apresentação musical do Trio de Violão da UnB.

(Apresentação Musical.)

PRESIDENTE (DEPUTADA LÚCIA CARVALHO) - Esta Presidência registra que este grupo musical fará mais uma apresentação no encerramento desta sessão.



NOTAS TAQUIGRÁFICAS

DATA <u>21 / 08 / 98</u>	HORÁRIO INÍCIO 20h30min	SESSÃO / REUNIÃO SOLENE	QUARTO 9
-----------------------------	----------------------------	----------------------------	-------------

TAQUIGRAFO(A)	REVISOR(A)	ORADOR(A)
---------------	------------	-----------

Concedo a palavra ao Sr. Hamilton Pereira, Secretário de Cultura e Desportos do Distrito Federal.

SR. HAMILTON PEREIRA - Exma. Sra. Deputada Lúcia **Carvalho**, Presidente da Câmara Legislativa do Distrito Federal; Exmo. Sr. Deputado **Wasny** de Roure, autor do requerimento para realização desta sessão; Sr. José Aciole, companheiro de trabalho que dirige hoje o Pólo de Cinema e Vídeo do Distrito Federal, e meu irmão por **adoção**, Vladimir Carvalho, Cidadão Honorário de Brasília.

Não se faz um país sem literatura, assim como um país com essas dimensões não se faz sem cinema. Eu costumo dizer que o Brasil, num certo **sentido**, é um país inacabado, porque nós temos uma difícil costura a fazer: a das diferentes culturas brasileiras. Militarmos, criarmos e tirarmos poesia da vida, da pedra - como Vladimir faz num documentário, ao tocar os fatos da vida e ao estabelecer neles uma lógica, sempre uma lógica do comprometimento - é absolutamente fundamental. A lógica de Vladimir tem **lado**, não é acética, distante ou neutra. É a lógica do compromisso, a de quem escolheu um lado da vida para denunciar a opressão em todas as suas formas. Vladimir colaborou com um filme tão importante como *Cabra Marcado para Morrer* - sem dúvida alguma a expressão mais legítima de uma estética popular no cinema brasileiro - e fez *O País de São Saruê* e *Os Conterrâneos Velhos de Guerra*, obras insubstituíveis desse fio necessário da costura do perfil cultural do Brasil.

Vladimir, deixo aqui registrado o meu sentimento de alegria e o compromisso do Governo do Distrito Federal neste momento em que você, além de tantos títulos e dessa condição ímpar de paraibano, adquire agora o título de Cidadão Honorário de Brasília. Eu trago o abraço da Vice-



DATA	HORÁRIO INÍCIO	SESSÃO / REUNIÃO	QUARTO
21 / 08 / 98	20h30min	SOLENE	10

TAQUIGRAFO(A)	REVISOR(A)	ORADOR(A)
---------------	------------	-----------

Governadora do Distrito Federal, Aríete Sampaio, sua grande admiradora, e do Governador do Distrito Federal, professor Cristovam Buarque, em nome de quem falo aqui. O Governador e a **Vice-Governadora** do Distrito Federal acolhem esse novo e importante Cidadão Honorário de Brasília, cidade a que, em última análise, estamos procurando servir, pois essa é a nossa dinâmica e o nosso compromisso.

Muito obrigado, Vladimir.

Seja bem-vindo. (Palmas.)



DATA	HORÁRIO INÍCIO	SESSÃO / REUNIÃO	QUARTO
21 / 08 / 98	20h30min	SOLENE	11

TAQUIGRAFO(A)	REVISOR(A)	ORADOR(A)

PRESIDENTE (DEPUTADA LÚCIA CARVALHO) - Antes de passar a palavra ao nosso homenageado, eu gostaria de fazer a minha saudação de forma **solene**, como um bom cristão que, ao entrar numa igreja, procura o melhor lugar em frente ao altar para **fazer** suas orações.

Exmo. Sr. Hamilton Pereira, Secretário de Cultura e Esporte do Distrito Federal e meu companheiro; Exmo. Sr. José Aciole, Diretor do Pólo de Cinema e Vídeo do Distrito Federal e também nosso companheiro; Exmo. Sr. Deputado Wasny de Roure e Sr. **Vladimir Carvalho**, Cidadão Honorário de Brasília e **cineasta**, autoridades **presentes**, senhoras e senhores, boa noite.

Farei esta homenagem de maneira solene, embora pudesse **fazê-la** da **Mesa**, porque, como diz o Deputado Wasny de Roure, "feliz o povo que pode homenagear seus artistas", **Vladimir Carvalho** é uma pessoa que marcou **profundamente**, principalmente os militantes, aqueles construtores dos sonhos da democracia e da liberdade.

O nosso jornalista Davi Mirique, que é candidato a **Deputado**, encontra-se à minha frente. Ele deve recordar-se de que, quando nós nos reuníamos, antes mesmo da existência do PT, nós fazíamos algumas **projeções** de filmes em casa, e o filme *Cabra Marcado para Morrer* era um dos que discutíamos, entre outros tantos que Vladimir ajudou a produzir neste País e que serviram como referência para a militância, principalmente a camponesa, que era bastante incipiente nos idos de 1970 e na década de 80.

Essa história que Pedro Tierra abordou aqui também fez parte de minha origem. Nós começamos na Organização dos Trabalhadores no Estado de **Goiás**. **Vladimir**, sua obra foi importante para a consolidação



DATA <u>21 / 08 / 98</u>	HORÁRIO INÍCIO 20h30min	SESSÃO / REUNIÃO SOLENE	QUARTO 12
TAQUIGRAFO(A)	REVISOR(A)	ORADOR(A)	

desse movimento, que hoje, com **certeza**, desagua nesse grande movimento dos trabalhadores sem terra e que tiveram a sua formação nessa obra de arte.

Vladimir, é com orgulho que eu, como Presidente da **Câmara Legislativa** Distrito Federal, estou hoje aqui, neste espaço **privilegiado**, para entregar-lhe este título. São poucos os homenageados. Não temos nem duas centenas de brasilienses que receberam esse título, embora muitas **vezes** digam que a Câmara Legislativa tem feito homenagens seguidamente como um recurso eleitoreiro. Digo-lhe que estou me despidendo completamente desse tipo de acusação. A sua pessoa e o número de cidadãos que já foram agraciados pela Câmara Legislativa mostram a esse plenário seleta que é irreal essa forma de atingir a **Câmara Legislativa**.

Vladimir hoje recebe o 171º título de Cidadão Honorário de Brasília conferido pela Câmara Legislativa.

Nós também gostaríamos de dizer para todos os cineastas presentes que somos amantes da Sétima Arte. A Câmara Legislativa dá continuidade ao prêmio que contribui com o Festival de Cinema de Brasília e que já foi entregue pela terceira vez. Agora será a quarta vez que a Câmara Legislativa participa de maneira a contribuir com os cineastas de Brasília. Fazemos uma premiação local para os cineastas de Brasília.

Espero que neste ano - esse é um compromisso do Governador Cristovam Buarque também -, na semana do **festival**, já tenhamos, em grande estilo e com festa, aprovado a lei de retorno dos nossos **curta-metragens** ao circuito comercial. Essa lei é de minha autoria, e o Governador Cristovam Buarque ficou de sancioná-la. Já tivemos uma



NOTAS TAQUIGRÁFICAS

DATA <u>21 / 08 / 98</u>	HORÁRIO INÍCIO 20h30min	SESSÃO / REUNIÃO SOLENE	QUARTO 13
-----------------------------	----------------------------	----------------------------	--------------

TAQUIGRAFO(A)	REVISOR(A)	ORADOR(A)
---------------	------------	-----------

conversa com os donos de salas de produção de cinema e temos deles o compromisso de fazer a projeção dos **curta-metragens** desde que funcione a comissão que incluímos no projeto para exigir qualidade. É isso o que **eles** querem, e nós, que somos amantes da Sétima Arte, também queremos isso. (Palmas.)

Vladimir, desejo encerrar esta sessão dizendo que alguns títulos nos apaixonam ao entregá-los, como o do **Cassiano**, o do Dr. **Melo** - que está aqui e faz parte da memória de Brasília - e o seu em especial. Por isso, fiz questão de estar presente, neste **momento**, como alguém que tem admiração pelo seu trabalho e uma alma de artista. Se não fosse a **política**, com **certeza**, eu estaria entre vocês fazendo arte, produzindo cinema, **telas**, poesias. Infelizmente a política me tolheu de fazer isso. Um dia, eu volto com certeza.

Muito obrigada por poder te abraçar e tê-lo entre os Cidadãos Honorários de Brasília. (Palmas.)

Concedo a palavra à pessoa mais importante desta **noite**, o nosso homenageado, Vladimir Carvalho.



DATA <u>21</u> / <u>08</u> / <u>98</u>	HORÁRIO INÍCIO 20h30min	SESSÃO/REUNIÃO SOLENE	QUARTO 14
TAQUIGRAFO(A)	REVISOR(A)	ORADOR(A)	

SR. VLADIMIR CARVALHO - Sejam as minhas primeiras palavras para consignar, ainda bastante emocionado, as palavras generosas e **emocionantes**, que me precederam, de Hamilton Pereira; da própria Deputada Lúcia Carvalho, que me deixou comovido; e, **especialmente**, do Deputado Wasny de Roure, autor do projeto de decreto legislativo que resultou na concessão deste título de Cidadão Honorário de Brasília a minha pessoa.

Desculpem-me por ter transgredido o protocolo sem **fazer** a saudação à Mesa, pois julgo dispensável a esta altura.

Resigno-me à palavra escrita temendo que nesta hora me traiam as emoções, desestruturando meu pensamento. Em ocasiões semelhantes a esta, **invariavelmente** adotei postura diferente, reagindo a apresentar-me formalmente e por escrito, rechaçando a palha seca de minha prosa, preferindo a marca autêntica do improvisado. **Enfim**, sempre me entreguei de bom grado ao coloquial, por mais pretensiosa que fosse a proposta do objeto da fala. Hoje dou a mão à palmatória e à palavra escrita; assim resolvi, em sinal de respeito a esta Casa, à Câmara Legislativa, e aos seus altos desígnios.

O título que tão generosamente me concedem faz-me mergulhar em cismas e **incertezas**, só amenizadas pela íntima vaidade de **recebê-lo** e ostentá-lo. Mas como conciliar a simplicidade a que sempre me propus com o orgulho de ser o detentor de tão alta comenda? As homenagens e os elogios, mesmo os mais legítimos, trazem sempre, em vista da falência humana, este sentimento ambivalente: se inflam de forma desmesurada o balão centrípeto do ego, de outra parte não fazem muito bem à cabeça propensa à vaidade. Por isso é bom acauteiar-se com



DATA <u>21</u> / <u>08</u> / <u>98</u>	HORÁRIO INÍCIO 20h30min	SESSÃO / REUNIÃO SOLENE	QUARTO 15
TAQUIGRAFO(A)	REVISOR(A)	ORADOR(A)	

relação aos exageros que vêm junto com a prodigiosa boa-vontade dos amigos, que muitas **vezes** nos vêm com lentes de **aumento**, alterando ao infinito as quase nenhuma **virtudes** do homenageado e desfocando ou esquecendo totalmente os seus defeitos.

Meio gaúche e desatento por **natureza**, evito certa vida sócia! em que frequentemente sou vítima de minhas próprias gafes. Não tendo convicção do que realmente **sou**, movimento-me muito **canhestramente**, mesmo no convívio interpares, daí a imensa inveja que sinto de temperamentos mais extrovertidos como, por exemplo, o de alguém capaz de escrever: "Eu não sou homem que recuse elogios. Amo-os, eles fazem bem à alma e até ao corpo. As melhores digestões da minha vida são as dos jantares em que sou brindado". Não fosse o bruxo do Cosme **Velho**, o bom e irónico Machado, o autor destas poucas linhas, haveríamos naturalmente de torcer o nariz a tal pretensão. Mas na verdade hesito e até tergiverso e, diante da taça que me oferecem, sinto insopitável desejo de provar do seu **néctar-cajuína** e, tomando gosto, corro o risco de entediá-los com digressão a mais pessoal e autobiográfica.

No entanto, impossível é evitar a auto-referência; por isso perdoem-me o lance **narcisista**, porque, provocado, sinto-me tentado a ir à forra, aproveitando-me da ocasião.

Primeiro foi o impacto desta tão honrosa distinção e depois, envolvido e **empolgado**, **flagrei-me** exercitando uma nunca imaginada **autocontemplação** nas culminâncias desta alentada honraria. Nesse transe, transportei-me **cinematograficamente** nas asas de um **flash-back** ao ponto de partida **esquecido** na infância: um menino estranhamente taciturno para a sua idade, a da superação dos brinquedos infantis, mas

22



DATA <u>21</u> / <u>08</u> / <u>98</u>	HORÁRIO INÍCIO 20h30min	SESSÃO / REUNIÃO SOLENE	QUARTO 16
TAQUIGRAFO(A)	REVISOR(A)	ORADOR(A)	

voltado muito cedo para as angústias do mundo. No entanto, o interiorano introvertido já interrogava os mistérios da vida, silencioso e precoce, isolado pelos cantos, vítima inconsciente da metafísica.

Na tomada seguinte, vejo-me caminhando sozinho e vagarosamente pela ferrovia que cortava em sentido longitudinal o meu burgo natal e nordestino, a cidade de Itabaiana. Já fora do arruado, adentrando o campo escasso de vegetação, os trilhos do trem, limados e reluzentes, pareciam juntar-se na linha de fuga da perspectiva e, desafiadores, na junção do horizonte próximo, exerciam uma força estranha atraindo-me para longe.

Eu ignorava e só saberia depois, no curso ginasial e às voltas com a geometria e aterradora matemática, que as linhas paralelas só se encontram no infinito. Por aquele caminho de ferro da Great Western Railway, um dia se mandara o menino de engenho, José Lins do Rego, fugindo espetacularmente do colégio em Itabaiana, fato autobiografado em seu romance *Doidinho*, episódio meio rocambolesco, sempre referido por meu pai, que fora contemporâneo do romancista; e eu achava aquilo o máximo.

Essa fase de devaneio confuso e inocente logo seria cortada e, pelo mesmo trem da Great Western Railway, eu seguiria um dia em demanda para o Recife, carinhosamente escoltado pelo meu pai, para estudar e viver em casa de parentes.

Ao tempo, 1945, o mundo vivia o fim dos horrores da guerra na Europa e a capital de Pernambuco fervilhava com a chegada a seu porto dos esquadrões da Força Expedicionária Brasileira, a FEB, e com a



DATA 21 / 08 / 98	HORÁRIO INÍCIO 20h30min	SESSÃO / REUNIÃO SOLENE	QUARTO 17
TAQUIGRAFO(A)	REVISOR(A)	ORADOR(A)	

despedida dos gringos americanos que ali haviam sediado suas bases militares, espetáculos de música e lágrimas inesquecíveis.

A tudo isso assisti e poderia dizer - parafraseando o poeta **Bandeira**, que foi o meu primeiro deslumbramento - que por causa disso todas as vezes que encontro referências ao **painel** do pintor Cícero Dias, compadre de Picasso, intitulado *Eu vi o mundo, ele começava no Recife*, lembro-me de mim mesmo, porque ali, entre pontes do Capiberibe, bondes da Pernambuco **Trammway**, carnavais e **maracatus** do povo, começou de fato a minha viagem pelo mundo modesto e restrito - forçoso é reconhecer - de brasileiro pobre e sonhador, jungido à linha curta da pátria chica. Era o início da jornada que eu haveria de cumprir na minha sina de ave migradora.

Depois o tempo foi passando, a escola, os amigos, a universidade e o Partido, principalmente o Partido, com "p" maiúsculo e sem mais **nada**, isto é, sem que fosse necessário especificá-lo para ser identificado. Era simplesmente "o Partido", limpo e seco e que conheci também pelas mãos de meu pai. De cara, tive a impressão de estar diante de algo aventureiro que logo inflamava a minha **imaginação**, sobretudo pela vizinhança excitante do perigo. Com a clandestinidade que veio depois da **redemocratização** em 1947, **freqüentemente** meu pai recebia pelo trem da noite uma figura ensombrecida e misteriosa com quem tinha longa conferência, sempre acompanhado de outros camaradas que compunham a célula local do PC. Acontecia no pernoite uma cena familiar: minha mãe, sempre **pressurosa**, logo providenciava um candeeiro a querosene, pois a luz elétrica acabava às **22h** na **cidadezinha**. **Aí**, meu pai



DATA <u>21</u> / <u>08</u> / <u>98</u>	HORÁRIO INÍCIO 20h30min	SESSÃO / REUNIÃO SOLENE	QUARTO 18
TAQUIGRAFO(A)	REVISOR(A)	ORADOR(A)	

se entregava madrugada adentro à leitura, sabe-se lá de que livro que era disciplinadamente devolvido ao **emissário**, na manhã seguinte, na estação.

Hoje sei que era a preciosa literatura do Partido que era assim devorada. Era *O Volga desemboca no Mar Cáspio*, um romance russo da editora Calvino. Esse era um desses títulos clandestinos que guardei na memória e que, depois de quase 40 anos de **busca**, encontrei ao acaso no sebo carioca. Daí para **frente**, fui compulsória e irremediavelmente militante dessa irmandade de homens comprometidos com a vida e com outros homens.

Na escola e particularmente na **universidade**, reencontrei-me com esse clima e com esses princípios, mas, agora, já no pleno entendimento da política e de suas consequências. Na universidade, lugar de muitas convergências na minha vida, finalmente descobri o **interesse maior**, o fio de prumo da minha existência: o cinema, que ainda chamávamos, naquela época, de Sétima Arte. Não o **cinema** convencional de todo o dia que todo **mundo**, como eu, consumia voraz e provincianamente, isto é, o cinema americano, mas o **cinema** documentário, espelho da **realidade**, que só vagamente sabia que existia pelo raros espécimes que vira e por alguma eventual leitura.

Nunca tinha visto de fato um grande documentário - aliás, um nome algo bolorento para um objeto tão preñado de vida, ~~diga-se de~~ passagem. Mas foi a partir de um filme sem roteiro, sem história, sem atores profissionais, sem o *glamour* dos filmes de Hollywood, chamado *O Homem de Aran*, do mestre Roberto **Flaherty**, que tive uma espécie de revelação e fui evangelizado por mim mesmo, convertendo-me à prática do cinema. O filme era diferente de tudo o que já havia visto, mas tinha o



DATA <u>21</u> / <u>08</u> / <u>98</u>	HORÁRIO INÍCIO 20h30min	SESSÃO / REUNIÃO SOLENE	QUARTO 19
TAQUIGRAFO(A)	REVISOR(A)	ORADOR(A)	

homem e a natureza de corpo inteiro, o homem entregue ao seu destino na Terra. Mas, principalmente, fascinou-me a realidade sem retoques, sem intermediações fabulosas, em estado quase puro. Desde essa visão, nunca mais fui o mesmo. À moda de **Picasso**, eu encontrara sem procurar e esse encontro e essa perdição já vão para mais de quarenta anos de buscas e desencontros.

Ainda na universidade, passei logo à prática, superando rápida passagem pelo cineclubismo, na época muito em voga. Depois de *Romeiros da Guia*, um filme sobre sincretismo religioso, fui para a Bahia estudar filosofia na mesma classe de Caetano Veloso, que começava na crítica de cinema e com quem armamos alguns projetos de filmes jamais realizados. Foi da Bahia que fui chamado por Eduardo Coutinho para compor a equipe de *Cabra Marcado para Morrer*, em fevereiro de 1964. O desfecho faz parte da crônica política do cinema brasileiro. Com o Golpe Militar de 1964, as filmagens foram drasticamente suspensas no interior de Pernambuco, a equipe se desfez para fugir da feroz repressão policial, e o filme teve o seu término adiado para dezoito anos depois, já na fase de redemocratização do País. Senti-me como que participando de uma guerra civil espanhola, uma luta política de fato, e homiziei-me no Rio de Janeiro, com identidade falsa, atendendo pelo nome de José Pereira dos Santos, parece aparentado de Nelson Pereira, o nosso Papa. Fui trabalhar como assistente de direção de Arnaldo Jabor e reingressei no jornalismo no vetusto e falido *Diário de Notícias*. Fora um pequeno intervalo para filmar no Nordeste o meu primeiro longa-metragem, *O País de São Saruê*; só abandonei o Rio de Janeiro para me transferir para Brasília seis anos depois, em 1970.



DATA <u>21</u> / <u>08</u> / <u>98</u>	HORÁRIO INÍCIO 20h30min	SESSÃO / REUNIÃO SOLENE	QUARTO 20
TAQUIGRAFO(A)	REVISOR(A)	ORADOR(A)	

Vim para Brasília graças a um artilheiro habilmente armado por meu dileto **camarada**, Fernando Duarte. (Palmas.) Ele havia sido fotógrafo de *Cabra Marcado para **Morrer***, dirigia o setor de cinema da UnB e convidou-me para montar com ele um núcleo de produção de documentários do Centro-Oeste. Como vivia com uma vida **apertada**, com o jornal à beira da **falência**, aceitei o desafio e aqui desembarquei de mala e cuia. Esperei a primeira semana para começarmos as atividades do núcleo e nada acontecia; na semana seguinte, **manhosamente**, Fernando veio com uma história de Cerca **Lourenço** - quem conhece Fernando sabe do que estou falando, sabe como ele é doce e envolvente. Disse que primeiro teríamos que dar um curso de verão e, rápido no **gatilho**, empurrou-me para uma sala de aula. Como reagi, disse-me que eu teria apenas que falar da minha experiência no cinema e coisa e tal. O fato é que, dentro de um mês, vi-me transformado em professor e até gostando da experiência. Tanto gostei **que**, quando me dei conta, em um lapso de tempo cinematográfico, eu estava aposentando-me da UnB e já era **1993**, deixando a universidade com uma noção sincera de que ali mais aprendera do que ensinara.

O Centro de Produção jamais foi criado, mas, em **compensação**, vivi toda uma experiência profissional e de vida da qual só tenho amáveis e gratas lembranças.

Perdoem-me se me delongo, mas entendo esta ocasião como propícia a uma prestação de contas, que não me é **exigida**, mas que se impõe ao meu espírito como uma justificativa desta homenagem.

Antes de mais nada, devo afirmar, sem falsa modéstia, que em Brasília sempre me foi dado muito mais do que tenho merecido. Na verdade, lá no fundo, resta-me um sentimento, senão de dever cumprido,



DATA 21 - 20 de 1998	HORÁRIO INÍCIO 20h30min	SESSÃO / REUNIÃO SOLENE	QUARTO 21
TAQUIGRAFO(A)	REVISOR(A)	ORADOR(A)	

pelo menos o da convicção de ter enfrentado sem desfalecimento os meus próprios moinhos de vento, mesmo aos trancos e barrancos, como é próprio de um Dom Quixote subdesenvolvido.

Pode parecer pretensioso, mas me vejo **co-responsável** pela implantação do segundo curso regular de cinema da Universidade de **Brasília**, arditamente tramado por **mim** e por Fernando Duarte nos difíceis tempos da noite da ditadura militar. O primeiro havia sido tocado genialmente pelo saudoso Paulo Emílio Salles Gomes, mas se esvaiu com a crise de **1965**, deixando um legado de lições. Enquanto durou, o curso recriado por nós em **1970** foi matriz de muitas iniciativas, principalmente a produção de vários filmes de caráter cultural - um verdadeiro ciclo de **documentários**, que trouxe para Brasília prestígio e inúmeras premiações em diversos festivais, inscrevendo definitivamente a cidade nos anais da produção cinematográfica.

Desse **cinema**, nascido à sombra acolhedora da UnB - sempre a UnB -, saíram nomes que depois se afirmariam como autores de diversos filmes como Nuno César Abreu, hoje professor da Unicamp; **Lael Pereira**, em saudosa memória; Miguel Freire; Carlos Augusto Júnior e, saliente-se, Tizuka Yamazaki, a mais bem sucedida de todos.

A partir dessa experiência, comecei a formular a tese jamais escrita da vocação natural de Brasília para um cinema do tipo reflexivo, de anotação cultural, simplesmente documental e absolutamente de acordo com o espírito peculiar da Capital, centro administrativo do País, sua caixa de ressonância, com a obrigação de pensá-lo e conhecê-lo.

Ao contrário de cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, Brasília não possui indústria nem comércio **marcantes**, não é um centro



DATA	HORÁRIO INÍCIO	SESSÃO / REUNIÃO	QUARTO
21 / 08 / 98	20h30min	SOLENE	22

TAQUIGRAFO(A)	REVISOR(A)	ORADOR(A)

financeiro com as **características** necessárias para propiciar o surgimento de empresas cinematográficas clássicas como as do modelo capitalista vigente em todo o mundo. No entanto, **apresentava**, como ainda hoje apresenta, características ideais para a produção de um cinema de cunho **não-ficcional**. O Congresso Nacional, as **embaixadas**, os ministérios e todos os serviços do Governo sediados nesta cidade nos obrigam a refletir sobre os mais diversos problemas do **País**, a examinar todos os seus projetos e a promover o **autoconhecimento** da nacionalidade. Não conheço melhor caminho e forma para atingir esses objetivos que a prática cinematográfica do documentário **que**, por meio do registro, do estudo, da difusão dos fatos sociais e culturais e do resgate da memória, pode apresentar o Brasil ao próprio Brasil.

Essas ideias não encontraram uma aceitação pacífica até hoje; muitos viram de forma destorcida a nossa posição com vistas à produção aqui do filme de ficção de **longa-metragem** destinado ao mercado. Nada contra de nossa parte, uma vez que a intenção foi apenas a de apontar um caminho natural que teria o apoio de toda a máquina do Estado. Mesmo **assim**, o nosso ponto de vista deu lugar a uma certa mentalidade e consciência dos meios que apontávamos e perdura até hoje, bastando rápida avaliação da produção local para sentir o peso dessa modalidade de filmes - o documentário. Sendo **singular** como cidade, Brasília teria que produzir um tipo singular de cinema, característico como **ela**, sobretudo comprometido com o novo, embutido na mística transformadora da "marcha para o oeste".

Por meio do **Festival** de Brasília, que também nasceu no espaço primordial da UnB, professores e alunos puderam exibir o resultado



DATA <u>21</u> / <u>08</u> / <u>98</u>	HORÁRIO INÍCIO 20h30min	SESSÃO/REUNIÃO SOLENE	QUARTO 24
TAQUIGRAFO(A)	REVISOR(A)	ORADOR(A)	

poderes públicos e ao empresariado para que criem a cinemateca nacional de Brasília. Esta é a sua **nobre**, seminal e transitória função.

Na Universidade de Brasília, por força do hábito da **militância política**, cerrei fileira no mesmo grupo que, na calada da noite e ainda sob os resquícios da ditadura, fundou a Associação dos Docentes da UnB-ADunB, sob o tacão do então reitor José Carlos Azevedo. Por conta dessa militância, carrego secreto orgulho, uma medalha invisível de uma batalha travada **intra-muros** na UnB para forçar uma situação eleitoral que expurgaria elementos indesejáveis ao espírito de redemocratização da instituição: aceitei a incumbência de candidatar-me ao cargo de **reitor**, forçando assim um novo processo para a inscrição de outros candidatos, **entre** eles Cristovam Buarque, que culminaria com a sua **eleição**, em pleito memorável. Nesta prévia obtive a bagatela nada desprezível de mais de mil votos para quem jamais nutriu qualquer veleidade em direção a cargos públicos. Desculpem-me pelo comercial pessoal.

O único cargo que exerci no âmbito estritamente político, mas de uma outra ordem, foi o de Vice-Presidente do Comitê pela Anistia, sob a batuta benfazeja de Pompeu de Souza. Na política, tive uma recaída em 1990, quando, levado pelas águas de um ambíguo *slogan* que eu mesmo inventei - "**Vladimir** de olho na **Câmara**" -, deixei-me seduzir pelo canto da sereia e pela **auto-indulgência** - houve uma certa autocomtemplação imbecil - em tempo felizmente silenciados pelos parcos recursos de que dispunha. Paciência. Não foi **daquela** vez nem será mais.

Enfileirei aqui fatos e pessoas que poderiam abonar-me em face do que me oferecem, **tão-somente** para justificar-me perante esta nobre **Casa**, nunca para ostentar merecimentos. Se merecimentos eu



DATA 21 / 08 / 98	HORÁRIO INÍCIO 20h30min	SESSÃO / REUNIÃO SOLENE	QUARTO 25
TAQUIGRAFO(A)	REVISOR(A)	ORADOR(A)	

buscasse, **desejaria** que fosse em virtude do que considero de minha **lavra exclusiva**, isto é, os filmes que aqui realizei, com os temas da terra, com o povo humilde desta cidade, especialmente os trabalhadores anônimos de sua periferia e mais remotamente com aqueles que nem tive a graça de conhecer, mas sobre quem me debrucei durante todos esses anos - os desconhecidos candangos que construíram Brasília e dela foram, por diversas **formas**, expurgados.

Se tivesse de ser julgado como condição para investir-me dessa novel **cidadania**, optaria por sê-lo em face do meu filme *Conterrâneos Velhos de Guerra*, todo ele dedicado a traçar o perfil desses heróis anônimos com os quais me identifico desde a terra comum do Nordeste de onde viemos. Este título que recebo é o mais importante título de minha carreira, mas, como cidadão, é meu dever **dedicá-lo**, oferecê-lo e consagrá-lo àqueles que me ajudaram nesta jornada até aqui. Não é muito, mas o pouco que realizei devo ao povo **humilde** desta cidade.

Esta é a história de uma recíproca adoção: como artista **retirante**, adotei Brasília e por ela fui adotado para aqui viver e trabalhar. Agora sou unguído com a generosidade deste título, que é, para **mim**, como uma auspiciosa consagração - permitam-me dizer -, uma láurea honorífica na pia batismal de uma cidadania **concedida**, mas que só fará sentido na medida em que, renovando-me as energias, eu a entenda como um impulso para permanecer no campo de luta, e possa dizer, como Luís de Camões, que "estou em paz com a minha guerra", não tendo mais "a pressa que aniquila o verso".

Sejam essas as minhas palavras finais para expressar a minha mais funda e sincera gratidão ao Deputado Wasny de Roure, Parlamentar



NOTAS TAQUIGRÁFICAS

DATA 21 / 08 / 98	HORÁRIO INÍCIO 20h30min	SESSÃO / REUNIÃO SOLENE	QUARTO 25
---	----------------------------	----------------------------	--------------

TAQUIGRAFO(A)	REVISOR(A)	ORADOR(A)
---------------	------------	-----------

buscasse, desejaria que fosse em virtude do que considero de minha lavra **exclusiva**, isto é, os filmes que aqui **realizei**, com os temas da **terra**, com o povo humilde desta cidade, especialmente os trabalhadores anônimos de sua periferia e mais remotamente com aqueles que nem tive a graça de conhecer, mas sobre quem me debrucei durante todos esses anos - os desconhecidos candangos que construíram Brasília e dela foram, por diversas formas, expurgados.

Se tivesse de ser julgado como condição para investir-me dessa novel cidadania, optaria por sê-lo em face do meu filme *Conterrâneos Velhos de Guerra*, todo ele dedicado a traçar o perfil desses heróis anônimos com os quais me identifico desde a terra comum do Nordeste de onde viemos. Este título que recebo é o mais importante título de minha carreira, **mas**, como cidadão, é meu dever **dedicá-lo**, oferecê-lo e consagrá-lo àqueles que me ajudaram nesta jornada até aqui. Não é muito, mas o pouco que realizei devo ao povo humilde desta cidade.

Esta é a história de uma recíproca **adoção**: como artista retirante, adotei Brasília e por ela fui adotado para aqui viver e trabalhar. Agora sou ungido com a generosidade deste título, que é, para **mim**, como uma auspiciosa consagração - permitam-me dizer -, uma láurea honorífica na pia **batismal** de uma cidadania **concedida**, mas que só fará sentido na medida em que, renovando-me as energias, eu a entenda como um impulso para permanecer no campo de luta, e possa dizer, como Luís de Camões, que "estou em paz com a minha guerra", não tendo mais "a pressa que aniquila o verso".

Sejam essas as minhas palavras finais para expressar a minha mais funda e sincera gratidão ao Deputado **Wasny** de Roure, Parlamentar



DATA	HORÁRIO INÍCIO	SESSÃO / REUNIÃO	QUARTO
-21 / 06 / 98	20h30min	SOLENE	26

TAQUIGRAFO(A)	REVISOR(A)	ORADOR(A)

juncado de convicções humanísticas, militante **exemplar**, pastor de almas, transformado em guardião da democracia, no também sagrado pastoreio do bem comum. A minha homenagem maior é **afirmar-lhe**, sem bom mocismo, que tudo farei para merecer o seu gesto conferindo-me este título.

Antes do ponto **final**, os agradecimentos mais sinceros a todos os presentes pela paciência e atenção com que ouviram esta delongada e monótona digressão. Como Padre **Vieira**, não tive tempo "de ser simples".
Obrigado. (Palmas.)



DATA 21 / 08 / 98	HORÁRIO INÍCIO 20h30min	SESSÃO / REUNIÃO SOLENE	QUARTO 27
TAQUIGRAFO(A)	REVISOR(A)	ORADOR(A)	

PRESIDENTE (DEPUTADA LÚCIA CARVALHO) - Recebemos um fax cuja leitura nesta sessão nos foi solicitada.

"Ao cineasta Vladimir Carvalho

Do Jornalista, Giovan de Brito,

Impossibilitado de comparecer às justas homenagens que **lhes** tributam Brasília e o seu povo por meio do seu mais legítimo fórum de representatividade, a Câmara Legislativa do Distrito **Federal**, pelas mãos do insigne Deputado Wasny de Roure, quero dirigir-lhe os meus parabéns, com a certeza de que, na data de hoje, se faz justiça em favor de uma das maiores personalidades do cinema nacional, uma das mais autênticas lideranças do cinema **brasiliense**, por esta cidade que o adotou e agora o reconhece oficialmente como filho. Você, como eu próprio, é tanto paraibano quanto **brasiliense**, pela bela acolhida deste povo generoso que hoje mais uma vez se manifesta no reconhecimento do seu talento e da sua luta em favor do cinema brasileiro.

Mais uma vez, meus parabéns.

Giovan de Brito, Jornalista.

Palmas.

Mais uma vez agradeço ao Deputado Wasny de Roure por este momento tão importante para todos nós que viemos aqui compartilhar desta homenagem ao cineasta Vladimir Carvalho.

Nada melhor para encerrarmos esta sessão do que ouvirmos o trio de violão da **UnB**, com os violonistas Gustavo Costa, Felipe **Maravalhas** e Luciano Tavares, que farão uma apresentação de músicas com arranjos do Professor Eustáquio **Erilo**.



NOTAS TAQUIGRÁFICAS

DATA 21 / 08 / 98	HORÁRIO INÍCIO 20h30min	SESSÃO / REUNIÃO SOLENE	QUARTO 28
TAQUIGRAFO(A)	REVISOR(A)	ORADOR(A)	

Agradeço aos servidores da Câmara Legislativa que sempre nos auxiliam na montagem destas sessões que são **importantes** para construir a cidadania desta cidade.

Parabéns. (Palmas.)

Declaro encerrada a sessão.

(Levanta-se a sessão às 21h37min.)